



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPT. DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA - TEL

YASMIN CORRÊA FREITAS HORTELÃO

**ENTRE MAGIA E LOUCURA: O FEMININO COMO VIA DE ILUMINAÇÃO EM
PAULO COELHO**

BRASÍLIA – DF

2025

YASMIN CORRÊA FREITAS HORTELÃO

**ENTRE MAGIA E LOUCURA: O FEMININO COMO VIA DE ILUMINAÇÃO EM
PAULO COELHO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Teoria Literária e Literatura como requisito para a obtenção parcial do título de Licenciatura em Letras, pelo curso de Letras – Português e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Wiliam Alves Biserra

BRASÍLIA – DF

2025

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho às minhas avós, que, em silêncio e força, sempre foram Grandes Deusas para todos que estão ou estiveram ao seu redor.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente à minha família pela motivação em ingressar na UnB e pelo apoio na minha decisão de cursar Letras. Especialmente aos meus pais, Márcia e Jeferson, pelo esforço feito para eu ter um ótimo cursinho pré-vestibular.

À Alícia, minha irmã, pelas risadas e discussões ao longo de nossas vidas, e pelas conversas que muito me ajudaram e ajudam.

Ao meu padrinho, Márcio, por ser meu porto seguro desde a partida de vovó Dona Dulce.

Às minhas avós, que são as mulheres mais fortes e batalhadoras que já conheci. Às minhas gatas Luna, Elvira e Lolla, que me motivam a respirar. E ao meu namorado, Gustavo, por todo incentivo, paciência e amor!

Agradeço aos meus professores do Ensino Fundamental II, Roberto Nossat, Cibele Augusta e Zuleika, que me motivaram a querer ser professora e, de alguma forma ser uma diferença na vida de alguém através do ensino.

Ao meu professor do PIBID, Jadson, que tem sido um enorme companheiro ao longo do final do curso.

Aos meus amigos, Mariana, Matheus, Kaio, Paulo e Raphaela que, desde o Ensino Fundamental e Médio estão ao meu lado me apoiando em todas as decisões e ajudando com o que for necessário.

Aos amigos que a UnB me deu: Adrilane (e Olivinha), Alex, Gabriela Alcuri, Marina, Fabiane. E um agradecimento mais que especial à Sara.

À primeira professora que acompanhei no meu primeiro estágio no Colégio Mackenzie, Miss Priscila, que me ensinou a cultivar paciência e sensibilidade no ato de ensinar. À Miss Ana, Âmara, Fernanda, Sindy, Luana, Cecília e Laís pela parceria e aprendizado compartilhado.

À querida professora Ana Cláudia, por despertar em mim a paixão pela Literatura e por me ajudar a compreender que escrever sobre o que amamos é também uma forma de viver com verdade. Sem ela, este trabalho não existiria!

Ao professor e orientador Wiliam, pela confiança em aceitar um tema que poucos se dispuseram a orientar, e pela sua generosidade.

À Universidade de Brasília por todas as vivências inesquecíveis que me foram proporcionadas ao longo de todos esses anos. Pelos professores incríveis que fizeram eu olhar para a vida de outra forma e que compartilharam seus infinitos conhecimentos.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, me motivam a seguir acreditando na educação, mesmo diante das dificuldades. Porque, sem ela, não há caminho possível para uma sociedade mais justa, sensível e feliz.

EPÍGRAFE

As emoções são cavalos selvagens.

Paulo Coelho

RESUMO

Esta pesquisa analisa como o sagrado feminino se manifesta nas personagens femininas de Paulo Coelho — Brida, Athena e Veronika —, interpretando-as como arquétipos místicos que emergem do cruzamento entre espiritualidade, linguagem e construções sociais do feminino. A análise combina estudos literários com psicologia arquetípica (Jung, Neumann), abordagens mitológicas (Bolen, Graves, Markale) e pensamento feminista (Cixous, Federici, Estés). O estudo revela como o discurso do autor ressignifica a imagem da bruxa, da louca e da mística, apresentando-as não como figuras desviantes, mas como expressões do poder ancestral. Essas mulheres tornam-se encarnações contemporâneas do feminino sombrio, em diálogo com deusas como Hécate, Perséfone, Lilith, Freyja e as Fúrias — símbolos de mistério, transformação e autonomia interior.

Palavras-chave: Sagrado feminino. Arquétipo. Paulo Coelho. Literatura. Misticismo.

ABSTRACT

This research aims to analyze how the sacred feminine is represented in Paulo Coelho's female characters — Brida, Athena, and Veronika — interpreting them as mystical archetypes that emerge from the intersection between spirituality, language, and social constructions of womanhood. The study combines literary analysis with archetypal psychology (Jung, Neumann), mythological perspectives (Bolen, Graves, Markale), and feminist thought (Cixous, Federici, Estés). The analysis reveals how the author's discourse re-signifies the image of the witch, the madwoman, and the mystic, showing them not as figures of deviation but of ancestral power. These women become contemporary embodiments of the feminine shadow, dialoguing with goddesses such as Hecate, Persephone, Lilith, Freyja, and the Furies — symbols of mystery, transformation, and inner autonomy.

Keywords: Sacred feminine. Archetype. Paulo Coelho. Literature. Mysticism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	09
1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 O Sagrado Como Categoria Simbólica	11
2.2 Arquétipos e Inconsciente Coletivo	12
2.3 O Sagrado Feminino e Suas Manifestações Sombrias	12
2.4 Gênero, Discurso e Crítica Literária	12
3. METODOLOGIA.....	13
3.1 Abordagem da pesquisa	13
3.2 Natureza e tipo de pesquisa	13
3.3 Corpus da pesquisa	13
3.4 Procedimentos de análise	13
3.5 Limitações metodológicas	14
4. A PALAVRA COMO RITO: O ARQUÉTIPO DA DEUSA NA LITERATURA DE PAULO COELHO	14
4.1 A Hierofania Feminina e o Processo de Individualização.....	14
4.2 A Dualidade da Grande Mãe: Criação, Destruição e Sombra.....	15
4.3 O Diálogo Mítico: Hécate, Lilith e Perséfone na Modernidade	16
4.3.1 Athena, a Bruxa, a Fúria e o Sombrio (Lilith e Hécate)	16
4.3.2 Veronika e a Descida ao Submundo (Perséfone).....	17
4.4 A Palavra, o Corpo e a <i>Écriture Féminine</i>.....	17
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
4. REFERÊNCIAS	19

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

A literatura, enquanto manifestação simbólica e expressão da psique humana, sempre esteve intimamente ligada ao sagrado. Desde os primeiros mitos que narravam o nascimento do mundo até as narrativas contemporâneas que exploram o inconsciente e o mistério da alma, o sagrado tem se manifestado como metáfora da busca humana por sentido. Segundo Mircea Eliade (1957), “o sagrado é o ato pelo qual o homem descobre o ser e se reconhece em sua própria realidade espiritual” (ELIADE, 1957, p. 12). Essa busca pelo sentido transcendente encontra ressonância particular na obra de Paulo Coelho, autor que, embora muitas vezes classificado como místico popular, revela uma profunda sensibilidade simbólica ao abordar temas como espiritualidade, autoconhecimento e o papel do feminino na jornada interior.

Entre suas obras, *Brida* (1990), *A Bruxa de Portobello* (2006) e *Veronika Decide Morrer* (1998) se destacam pela centralidade de protagonistas femininas que ultrapassam os limites do racional e adentram o domínio do misterioso, do inconsciente e do numinoso. *Brida*, aprendiz de magia e sabedoria ancestral; *Athena*, sacerdotisa e mãe que transgride normas sociais; e *Veronika*, mulher que confronta a própria morte e renasce simbolicamente, constituem figuras literárias que ultrapassam o estereótipo da “mulher sensível” e se erguem como manifestações contemporâneas de arquétipos universais.

Carl Gustav Jung (1971) define os arquétipos como “formas ou imagens de natureza coletiva, que ocorrem praticamente em toda parte, como componentes de mitos e contos de fadas e, ao mesmo tempo, como produtos individuais de origem inconsciente” (JUNG, 1971, p.42). Nessa perspectiva, as personagens de Coelho são expressões literárias do inconsciente coletivo: vozes que ecoam a presença da Grande Mãe, da Bruxa, da Louca e da Iniciada, arquétipos femininos que compõem o imaginário mítico da humanidade.

A leitura dessas narrativas sob o prisma da psicologia analítica e da simbologia arquetípica permite reconhecer que a jornada espiritual de *Brida*, *Athena* e *Veronika* não é apenas individual, mas coletiva — uma travessia simbólica que reflete as transformações da mulher moderna diante da espiritualidade e do patriarcado. Jean Shinoda Bolen (1990), discípula de Jung, observa que “as deusas antigas vivem dentro de cada mulher como arquétipos que podem ser despertados” (BOLEN, 1990, p. 27). Assim, cada protagonista de Coelho pode

ser compreendida como uma dessas forças despertadas: Brida manifesta a energia lunar e mágica de Hécate; Athena expressa a fúria criadora e destrutiva de Lilith e das Fúrias; e Veronika reflete a dimensão sombria e transformadora de Perséfone.

Essas personagens, ao vivenciarem o mistério, a transgressão e a morte simbólica, fazem eco a uma tradição espiritual antiga e marginalizada — a das mulheres que se relacionam com o sagrado não como submissas, mas como sacerdotisas do caos, guardianas das sombras e tecelãs do destino. Segundo Robert Graves (1948), em *A Deusa Branca*, “toda poesia verdadeira é inspirada pela deusa, e o nome dela é Morte e Renascimento” (GRAVES, 1948, p.18). Através da escrita, Coelho dá voz a essa deusa, ora temida, ora venerada, mas sempre presente nos ritos de iniciação e de autodescoberta.

Além da dimensão simbólica e espiritual, há também a camada discursiva. A linguagem de Paulo Coelho, embora simples, é carregada de símbolos e metáforas que configuram uma poética do sagrado, um modo de narrar que aproxima o cotidiano do transcendente. Essa construção narrativa pode ser interpretada como uma forma de *écriture féminine*, conceito proposto por Hélène Cixous (1975), segundo o qual a escrita feminina se caracteriza por sua fluidez, sua corporeidade e sua resistência às estruturas racionais e patriarcais da linguagem. Em Coelho, as vozes femininas de Brida, Athena e Veronika insurgem contra o discurso masculino dominante, instaurando uma fala que nasce do corpo, do instinto e da intuição. Para Cixous, “escrever é deixar que o corpo fale” (CIXOUS, 1975, p. 39), e é exatamente essa corporeidade que as narrativas de Coelho mobilizam.

Silvia Federici (2017) complementa essa leitura ao afirmar que a repressão do feminino e a demonização da bruxaria foram fundamentais para a consolidação do poder patriarcal e capitalista. Como observa a autora, a “caça às bruxas foi a estratégia mais bem-sucedida para subjugar as mulheres e controlar seus corpos” (FEDERICI, 2017, p.45). Ao recuperar essas figuras da margem — a bruxa, a louca, a suicida — Paulo Coelho propõe, ainda que de modo literário, uma revalorização daquilo que foi historicamente reprimido. Desse modo, suas personagens encarnam o retorno do sagrado feminino em sua face sombria, aquela que não teme a destruição porque reconhece nela o princípio da criação.

Em *Brida*, o aprendizado mágico simboliza o reencontro com o mistério do próprio corpo e com o poder cíclico da natureza; em *A Bruxa de Portobello*, Athena desafia a lógica da razão e incorpora o êxtase dionisíaco do sagrado; e em *Veronika Decide Morrer*, a experiência do suicídio metafórico revela a possibilidade de renascer pela aceitação da própria sombra. Tais experiências narrativas traduzem o que Jung (1954) denomina “processo de individuação”,

entendido como “o caminho para a realização do Si-mesmo através da integração dos opostos” (JUNG, 1954, p.112). Assim, o estudo das protagonistas de Paulo Coelho sob o viés do sagrado feminino sombrio permite compreender como a literatura pode servir de meio de reconciliação entre opostos e de reconstrução da identidade espiritual da mulher contemporânea.

Nessa encruzilhada entre mito e linguagem, espiritualidade e corpo, nasce o propósito desta pesquisa.

1.2 Objetivos da pesquisa

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar como o discurso do sagrado feminino é construído nas personagens Brida, Athena e Veronika, observando os elementos simbólicos, linguísticos e sociais que as constituem enquanto figuras arquetípicas ligadas à bruxaria, sexualidade, misticismo e loucura suicida. Para atingir esse objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- i Investigar a representação do feminino sagrado nas obras *Brida*, *A Bruxa de Portobello* e *Veronika Decide Morrer*, de Paulo Coelho, sob a luz da psicologia arquetípica de Carl Gustav Jung e de Erich Neumann;
- ii Relacionar as personagens analisadas aos arquétipos e mitos femininos da tradição céltica, grega e nórdica, destacando figuras como Hécate, Perséfone, Lilith, Freya e as Fúrias;
- iii Examinar como o discurso literário de Coelho mobiliza símbolos de bruxaria, morte e renascimento para representar o processo de individuação e transcendência das protagonistas;
- iv Interpretar os aspectos linguísticos e poéticos que constroem o tom místico, intuitivo e transgressor da narrativa, à luz das teorias de Hélène Cixous e Michel Foucault;
- v Compreender de que modo o sagrado feminino, em sua dimensão sombria e libertadora, pode ser visto como resistência simbólica à racionalidade patriarcal, conforme as reflexões de Silvia Federici e Clarissa Pinkola Estés.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A presente pesquisa fundamenta-se na intersecção entre três campos teóricos principais: os estudos sobre o sagrado e o imaginário mítico; os aportes da psicologia analítica junguiana e de autoras pós-junguianas; e a crítica literária contemporânea que aborda gênero, discurso e representações do feminino. Essa convergência é necessária para compreender de maneira ampla a presença do sagrado feminino sombrio nas personagens Brida, Athena e Veronika, de Paulo Coelho, situando-as no âmbito da simbologia ancestral e dos processos de individuação.

2.1 O Sagrado Como Categoria Simbólica

O conceito de sagrado adotado neste estudo baseia-se nas formulações de Mircea Eliade, que entende o sagrado como uma ruptura da ordem profana, capaz de revelar ao indivíduo uma

dimensão profunda da realidade. Eliade afirma que “o sagrado é o ato pelo qual o homem descobre o ser e se reconhece em sua própria realidade espiritual” (ELIADE, 1957, p. 12). Essa concepção permite analisar a experiência espiritual das personagens de Coelho não como fenômenos sobrenaturais isolados, mas como manifestações simbólicas que refletem estruturas arquetípicas presentes no imaginário coletivo.

2.2 Arquétipos e Inconsciente Coletivo

A psicologia analítica de Carl Gustav Jung constitui o eixo teórico central deste trabalho. Para o autor, arquétipos são “formas ou imagens de natureza coletiva” que se manifestam em mitos, sonhos e narrativas (JUNG, 1971, p. 42). Entre os arquétipos pertinentes ao estudo estão:

- A Grande Mãe, força criadora e destrutiva (NEUMANN, 1991);
- A Sombra, parte desconhecida e reprimida da psique;
- A Donzela, a Mãe e a Anciã, tríplice Deusa presente em mitologias antigas (GRAVES, 1948);
- A Bruxa, figura liminar que transita entre mundos;
- A Louca, símbolo de ruptura e desobediência aos discursos normativos.

O processo de individuação — entendido como caminho de integração entre consciente e inconsciente (JUNG, 1954) — é fundamental para interpretar as trajetórias de Brida, Athena e Veronika, que atravessam experiências simbólicas de morte, renascimento e confronto com a sombra.

2.3 O Sagrado Feminino e Suas Manifestações Sombrias

A retomada do sagrado feminino nas últimas décadas é influenciada diretamente por autoras como Jean Shinoda Bolen, Barbara Black Koltuv, Marija Gimbutas e Clarissa Pinkola Estés, que estudam o papel das deusas, bruxas e figuras femininas míticas na psique contemporânea.

Bolen (1990, p. 27) afirma que “as deusas antigas vivem dentro de cada mulher como arquétipos que podem ser despertados”. Koltuv (1990), por sua vez, resgata Lilith como a imagem da mulher que reivindica autonomia diante do patriarcado: “Lilith é a imagem da mulher que se recusou a ser submissa” (KOLTUV, 1990, p. 21). Essas autoras fornecem base simbólica para compreender, por exemplo, as atitudes insurgentes de Athena e a trajetória de Veronika rumo à libertação de sua própria sombra.

Estudos mitológicos, como os de Jean Markale (1986) e Hilda Ellis Davidson (1990), contribuem para a contextualização das referências celtas e nórdicas presentes em *Brida* e na construção arquetípica das personagens. A figura da bruxa, frequentemente associada à sabedoria ancestral, aparece como mediadora entre mundos e guardiã de ritos espirituais.

2.4 Gênero, Discurso e Crítica Literária

A análise literária aqui desenvolvida também dialoga com a crítica feminista. Hélène Cixous (1975) introduz o conceito de *écriture féminine*, entendida como escrita fluida, corporal e subversiva. No contexto da obra de Coelho, esse modelo é útil para compreender como suas personagens femininas reconfiguram afetos, linguagem e espiritualidade.

Silvia Federici (2017) complementa ao demonstrar que a repressão histórica ao corpo feminino — sobretudo através da caça às bruxas — foi mecanismo fundamental para consolidar estruturas de poder patriarcais. Essa perspectiva é essencial para compreender como *A Bruxa de Portobello* reinscreve a bruxa não como ameaça, mas como potência espiritual e política.

Finalmente, Regina Dalcastagnè (2012) oferece base para situar a literatura de Coelho no contexto da literatura brasileira contemporânea, discutindo representações identitárias e disputas discursivas no campo literário.

3. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho foi construída de modo a garantir rigor acadêmico e coerência interna entre os objetivos propostos, o corpus literário e os fundamentos teóricos utilizados.

3.1 Abordagem da pesquisa

A pesquisa é qualitativa, uma vez que se concentra na interpretação simbólica, psicológica e mitopoética das obras literárias. Busca-se compreender as representações do sagrado feminino e seus desdobramentos na subjetividade das personagens, privilegiando a profundidade analítica em vez de dados quantitativos.

3.2 Natureza e tipo de pesquisa

O estudo caracteriza-se como:

- Pesquisa teórica, pois se fundamenta na construção de conceitos e diálogos entre diferentes autores (Jung, Eliade, Bolen, Koltuv, entre outros);
- Pesquisa bibliográfica, uma vez que se baseia em livros, artigos e produções científicas sobre mitologia, psicologia analítica, crítica literária e questões de gênero;
- Pesquisa exploratória e descritiva, ao mapear arquétipos e símbolos, descrevendo como se manifestam nas personagens de Paulo Coelho.

Não há coleta de dados empíricos, entrevistas ou questionários, pois o foco está na interpretação simbólica das narrativas e na articulação teórica.

3.3 Corpus da pesquisa

O corpus literário é composto por três obras de Paulo Coelho:

- *Brida* (1990)
- *A Bruxa de Portobello* (2006)
- *Veronika Decide Morrer* (1998)

Essas obras foram selecionadas devido à presença central de protagonistas femininas cuja jornada é marcada por elementos espirituais, arquétipos e simbólicos relacionados ao sagrado feminino.

3.4 Procedimentos de análise

A análise foi conduzida em quatro etapas:

1. Leitura integral e analítica das obras: Identificação dos elementos simbólicos, míticos e espirituais presentes nas narrativas.
2. Fichamento teórico: Registro sistemático das ideias principais dos autores teóricos (Jung, Eliade, Koltuv, Bolen, Cixous, Federici etc.).
3. Estabelecimento de categorias simbólicas
Foram consideradas categorias como:
 - sombra

- iniciação
 - morte e renascimento
 - magia
 - arquétipos femininos (Donzela, Mãe, Anciã; Deusa Sombria; Bruxa; Louca; Mulher Selvagem)
4. Comparação entre teoria e ficção: Conexão entre símbolos presentes nas personagens e conceitos teóricos, permitindo identificar o modo como Coelho reinscreve o sagrado feminino na modernidade.

3.5 Limitações metodológicas

Como estudo teórico e interpretativo, a pesquisa não pretende oferecer conclusões universalizantes sobre o feminino contemporâneo, mas propor uma leitura simbólica que ilumine possibilidades de entendimento das personagens e de sua relevância para o campo dos estudos literários.

4. A PALAVRA COMO RITO: O ARQUÉTIPO DA DEUSA NA LITERATURA DE PAULO COELHO

A presença do arquétipo da Deusa na literatura de Paulo Coelho manifesta-se como um chamado ao reencontro com o sagrado feminino e seus múltiplos rostos. Em suas obras, o autor propõe uma espiritualidade que acolhe tanto a luz quanto a sombra, rompendo com dualismos herdados da tradição patriarcal ocidental. Suas personagens femininas não são apenas musas ou coadjuvantes do caminho masculino: elas são guias, espelhos e catalisadoras de transformação. O feminino, em Coelho, é rito e revelação — a palavra torna-se um instrumento de cura e de retorno à totalidade perdida.

4.1 A Hierofania Feminina e o Processo de Individualização

A escrita de Paulo Coelho, ainda que envolta em um verniz de simplicidade, mobiliza um universo simbólico rico, tecido a partir de arquétipos ancestrais que remontam à espiritualidade primordial. Suas personagens femininas mais emblemáticas — Brida, Athena e Veronika — emergem como encarnações contemporâneas da Deusa, ou, como definiria Carl Gustav Jung (1971), “imagens primordiais que residem no inconsciente coletivo e moldam os modos pelos quais o ser humano experimenta o mundo” (JUNG, 1971, p. 42).

O processo de individuação, segundo Jung (1954), exige a reconciliação da psique com sua totalidade, reconhecendo o valor da sombra e o poder da intuição: “A individuação é a realização de si mesmo segundo a totalidade da psique” (JUNG, 1954, p. 132). Essa travessia, em Coelho, é explicitamente feminina e se inicia pela jornada de Brida.

Em *Brida*, essa dimensão se revela por meio da jornada iniciática da protagonista, cuja busca pelo conhecimento espelha o mito da Deusa Tríplice — Donzela, Mãe e Anciã —, representando os ciclos da vida, da morte e do renascimento. *Brida*, ao enfrentar o medo do desconhecido e se abrir para o aprendizado da Tradição da Lua, encarna o princípio da sabedoria intuitiva, da magia interior e da união entre razão e mistério. Como afirma Coelho (1990), “a magia é uma ponte — uma ponte que permite que o ser humano transite do mundo visível para o invisível” (COELHO, 1990, p. 57). Essa ponte é o próprio feminino sagrado, cuja essência está em integrar o que foi fragmentado.

A busca de *Brida*, conforme observa Bolen (1990), é também a de reencontrar a divindade no próprio corpo — “o corpo feminino guarda saberes antigos que podem adormecer ou despertar” (BOLEN, 1990, p. 27). Nessa perspectiva, o corpo é templo, e não pecado. O erotismo e a espiritualidade se confundem em sua jornada, e a união amorosa é simbolicamente interpretada como a integração entre o anima e o animus, conceitos essenciais de Jung (1971, p. 149) para a totalidade psíquica. A recusa em reprimir o desejo e o instinto é o primeiro passo de *Brida* na sua libertação arquetípica.

4.2 A Dualidade da Grande Mãe: Criação, Destruição e Sombra

Erich Neumann (1955), em *A Grande Mãe*, observa que “o feminino não é apenas o receptáculo da vida, mas a força criadora e destrutiva que sustenta o cosmos”(NEUMANN, 1955, p. 12). Essa dualidade — criadora (Elemental Mother) e destruidora (Terrible Mother) — atravessa as três personagens de Coelho, constituindo o cerne do sagrado feminino sombrio que o trabalho se propõe a analisar.

Brida: Representa a face iniciática e luminosa da Deusa, a aprendiz que integra luz e sombra através do caminho da Tradição. Sua bruxaria é uma forma de conhecimento profundo, ligada ao aspecto virginal e autônomo da Deusa (BOLEN, 1990, p. 45), que busca a totalidade de forma consciente.

Athena: Encarna a face rebelde e destrutiva, a sacerdotisa que afronta as estruturas sociais e a moralidade estabelecida. Seu poder não é apenas curativo, mas também caótico, alinhando-se ao aspecto da Mãe Terrível, aquela que exige sacrifício e transformação radical (NEUMANN, 1955, p. 84).

Veronika: Revela a face noturna e regenerativa. Sua decisão de morrer é o confronto com o abismo, transformando o desespero em potência vital através da aceitação da sombra. São, respectivamente, ecos de Hécate, Lilith e Perséfone, deusas que, como lembra Robert Graves (1948), formam a tríplice Deusa — a donzela, a mãe e a anciã — em seus aspectos de vida, morte e renascimento

4.3 O Diálogo Mítico: Hécate, Lilith e Perséfone na Modernidade

O diálogo com a mitologia é essencial para compreender a profundidade arquetípica dessas personagens.

4.3.1 Athena, a Bruxa, a Fúria e o Sombrio (Lilith e Hécate)

Athena, de *A Bruxa de Portobello*, carrega em seu nome o peso simbólico da sabedoria e da guerra. No entanto, a Athena de Coelho é mais do que a deusa da razão grega. Ela é uma Hécate contemporânea: bruxa urbana, andarilha entre mundos, regente dos cruzamentos da alma e mestra das encruzilhadas psíquicas. Sua figura resgata o arquétipo das Fúrias, as vingadoras mitológicas que punem a injustiça, e o de Lilith, a primeira mulher a se rebelar contra a ordem patriarcal e a buscar sua autonomia (FEDERICI, 2017, p. 45).

No entanto, o autor também se aprofunda em aspectos mais complexos da alma feminina, explorando o território da sombra, onde habitam o desejo, a rebeldia e a autonomia. Em *A Bruxa de Portobello*, Athena surge como uma manifestação do feminino indomável — a mulher que dança para celebrar e para provocar, que ama com intensidade e desafia as normas impostas. Sua trajetória é marcada pela reconciliação entre espiritualidade e corporeidade, um gesto de reintegração do divino ao humano. Athena é a mulher que ousa “ser inteira”, que transforma o ato cotidiano em rito sagrado.

Entre as manifestações mais potentes do arquétipo feminino nas obras de Paulo Coelho, percebe-se a presença do aspecto sombrio da Deusa, aquele que foi reprimido pela tradição patriarcal e relegado à marginalidade simbólica. Em *O Livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal*, Barbara Black Koltuv (1990) afirma que “Lilith é a imagem da mulher que se recusou a ser submissa — o reflexo do poder e da autonomia que a cultura temeu e, por isso, demonizou” (KOLTUV, 1990, p. 21). Essa leitura encontra eco em personagens como Athena, cuja espiritualidade insurgente e corpo dançante reconfiguram o feminino como força independente, não domesticada.

Como escreve Silvia Federici (2017), “a caça às bruxas foi a destruição política do corpo feminino como território de poder”(FEDERICI, 2017, p. 45), e Athena ressurgiu das cinzas dessa história. Ao usar a dança como um ato sagrado, ela resgata o corpo como linguagem. A dança de Athena é, portanto, um rito de reempoderamento, onde o êxtase dionisíaco se opõe à repressão apolínea da sociedade moderna. Assim como Lilith abandona o Éden para preservar sua liberdade, Athena afasta-se das normas sociais e religiosas em busca de uma verdade interior. Ambas representam o mesmo movimento arquetípico descrito por Jung (2000, p. 112): o confronto com a sombra como condição para a individuação. O gesto de desobedecer, de

transgredir, é aqui ritual de autoconhecimento — o retorno simbólico à mulher primordial, plena de luz e de trevas, criadora e destrutiva ao mesmo tempo.

4.3.2 Veronika e a Descida ao Submundo (Perséfone)

Veronika, por sua vez, encarna o arquétipo da descida ao submundo. Ao tentar o suicídio, ela atravessa simbolicamente o portal de Perséfone — a jovem que é raptada para o mundo dos mortos e retorna transformada em rainha. A narrativa de Veronika Decide Morrer transforma a loucura em território do inconsciente, o local em que a razão se dissolve e o ser se revela.

Michel Foucault (1972, p. 45) demonstra que “A história da loucura é a história do poder que define o que deve ser silenciado”. A reclusão de Veronika em Villete, o hospital psiquiátrico, reflete o mecanismo social de isolar e calar a mulher que ousa desobedecer e expressar uma dor existencial profunda. O hospital torna-se a metáfora do Hades psíquico, mas a revelação de que a vida pulsa mesmo na finitude transforma o gesto de morrer no gesto de renascer, ecoando o ciclo de Perséfone. O útero simbólico do manicômio se torna, assim, o lugar da morte e da regeneração da psique.

4.4 A Palavra, o Corpo e a *Écriture Féminine*

O discurso de Coelho, muitas vezes marginalizado pela crítica literária, ganha força simbólica quando lido sob a ótica da psicologia analítica e do feminismo espiritual. Sua prosa é, como diria Hélène Cixous (1975, p. 25), uma “*écriture féminine*”, uma escrita do corpo e da emoção, que rompe com a linearidade masculina do *logos*.

Essa escrita é orgânica, cíclica, movida por símbolos lunares, rios, danças e espelhos — elementos recorrentes em suas narrativas. Essa poética do sagrado feminino se manifesta em:

1. A Poética da Intuição: A linguagem se afasta da argumentação racional para abraçar a metáfora, o sonho e o presságio. A busca de Brida pela "Outro Parte" e os diálogos de Athena com sua divindade interior são expressões de uma fala que nasce do instinto, e não da lógica.

2. A Corporeidade da Linguagem: A ênfase na dança de Athena e na vivência sensorial de Veronika (o tato, o cheiro, o gosto) devolve à narrativa a dimensão corporal que o patriarcado tentou silenciar, como analisa Federici (2017, p. 184).

3. O Tempo Espiralado: O tempo narrativo de Coelho frequentemente abandona a linearidade cronológica. Como observa Starhawk (1999, p. 18), “o tempo da Deusa é o tempo espiralado da vida e da morte, do crescimento e da colheita”. Essa circularidade se manifesta na estrutura das obras: Brida começa e termina com o mesmo símbolo da iniciação; A Bruxa de Portobello é narrada em fragmentos que formam um círculo de vozes; Veronika Decide Morrer encerra-se com o renascimento que é retorno ao início.

A linguagem de Coelho, ao construir essas figuras, se aproxima do rito e do mito. Eliade (1957, p. 21) lembra que “o mito é uma história verdadeira, porque fala de realidades sagradas”. Brida, Athena e Veronika vivem mitos verdadeiros — não no sentido histórico, mas no existencial. Elas falam do retorno do feminino à consciência, do reencontro com o sagrado esquecido. Em Brida, esse retorno é magia; em Athena, é transgressão; em Veronika, é lucidez.

As personagens de Coelho parecem, simbolicamente, herdeiras das tecelãs do destino — cada uma entrelaça sua própria narrativa e desafia os fios que a sociedade tenta impor. O

gesto de escrever, de dançar ou de morrer torna-se, assim, ato mágico — uma forma de retomar o poder sobre o próprio fio existencial.

Dessa forma, o feminino em Paulo Coelho não é apenas uma metáfora espiritual, mas uma experiência simbólica de reconexão com a totalidade da psique. Ao evocar figuras arquetípicas como Lilith, Isis, Sophia e Athena, o autor propõe um resgate do poder criador que habita cada mulher e, por extensão, cada ser humano. A escrita de Coelho torna-se, assim, um rito de evocação do sagrado: cada palavra convoca a memória ancestral da Deusa, chamando-nos a reconhecer que a luz e a sombra são faces de uma mesma essência.

Por fim, o sagrado feminino em Paulo Coelho não é uma idealização etérea da mulher, mas o reconhecimento do feminino como força cósmica, complexa e contraditória. Nas palavras de Jung (1971, p. 146): “Toda luz lança uma sombra, e quanto mais intensa a luz, mais densa a sombra”. Brida, Athena e Veronika são, portanto, filhas dessa luz-sombra — mulheres que descem às profundezas de si mesmas para emergir transformadas, conduzindo o leitor, também, a uma viagem ao inconsciente do mundo.

Ao unir a psicologia junguiana, a mitologia arcaica e a espiritualidade moderna, Coelho devolve à literatura o que ela tem de mais ancestral: o poder de curar pela palavra. E, como lembra Clarissa Pinkola Estés (1992, p. 26), “as histórias são remédios”. Ler suas mulheres é ouvir os ecos das antigas deusas — Lilith, Hécate, Perséfone, Freyja, as Fúrias — que sussurram o mesmo chamado: o retorno ao sagrado interior, aquele que foi exilado, mas nunca esquecido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As personagens femininas de Paulo Coelho — Brida, Athena e Veronika — configuram arquétipos que transitam entre mito e modernidade, entre o real e o simbólico. Cada uma atualiza, à sua maneira, o mito da Deusa em um mundo marcado pelo desencantamento, conduzindo o leitor a uma experiência íntima com o sagrado interior. O feminino, em suas trajetórias, deixa de ser apenas uma condição biológica ou social e passa a operar como linguagem espiritual, força de criação, destruição e renascimento.

A leitura simbólica realizada ao longo da pesquisa permite compreender que a literatura de Coelho promove um movimento de reintegração da psique — um percurso em direção à totalidade do ser. Esse caminho não se faz sem o enfrentamento da sombra. Em Brida, ela aparece no medo da própria sabedoria; em Athena, na rejeição social que recai sobre quem ousa romper normas; em Veronika, na dor que conduz ao desejo de morrer. Em todas, contudo, o mergulho nas trevas se revela como etapa necessária para que a luz seja reencontrada. A travessia simbólica dessas mulheres evidencia que reconhecer a própria sombra é o primeiro gesto de liberdade.

A literatura, como linguagem simbólica, permite que essas experiências interiores se expressem e ganhem forma. A escrita que emerge nas obras analisadas aproxima-se de uma tradição feminina ancestral: uma linguagem mais orgânica, intuitiva e corporal, que rompe com discursos rígidos e racionalizantes. Nas vozes de Brida, Athena e Veronika, a palavra se torna gesto ritual, canto, corpo. A narrativa de cada uma ecoa modos antigos de saber — modos que foram reprimidos, silenciados, mas nunca apagados.

Sob esse ponto de vista, a obra de Coelho pode ser compreendida como um espaço de reencantamento. Ao retomar símbolos arcaicos — a iniciação, o êxtase, a bruxaria, a morte ritual — o autor reconstrói uma ponte entre a experiência humana e o sagrado. Suas personagens não apenas vivem histórias; elas reencenam ritos ancestrais em pleno ambiente contemporâneo, tornando visível aquilo que, muitas vezes, permanece oculto no cotidiano.

O sagrado feminino que pulsa em *Brida*, *A Bruxa de Portobello* e *Veronika Decide Morrer* manifesta-se de modo múltiplo e contraditório. Em *Brida*, ele aparece como magia e aprendizado espiritual; em *Athena*, como rebeldia e expressão artística; em *Veronika*, como encontro com a morte e renascimento interior. Essas mulheres não são idealizações, mas expressões da complexidade humana: convivem com luz e sombra, instinto e razão, coragem e fragilidade.

Ao longo da análise, torna-se evidente que a bruxa, a santa e a louca se confundem simbolicamente no universo de Coelho. São faces de uma mesma força primordial que habita o inconsciente feminino e que se manifesta em figuras míticas presentes em diversas culturas. Ao trazer esses mitos para o contexto atual, o autor traduz forças arquetípicas antigas em linguagem acessível e contemporânea, permitindo que o leitor reconheça nelas aspectos de sua própria interioridade.

Essa leitura revela que o misticismo presente na obra de Coelho não é alienante, mas emancipador. Ele convoca o feminino a ocupar novamente o lugar do sagrado, não como figura subordinada ao masculino, mas como centro de poder e criação. Assim, a obra produz um gesto de recuperação simbólica: devolve dignidade ao corpo, à intuição e à sensibilidade, aspectos que historicamente foram reprimidos em nome da racionalidade dominante.

No percurso de *Veronika*, em particular, encontra-se a afirmação de que aquilo que é nomeado como loucura pode, muitas vezes, ser uma forma de resistência — uma ruptura necessária para que o ser encontre sua própria verdade. A experiência do limite transforma a dor em revelação e devolve sentido à existência.

Em síntese, *Brida*, *Athena* e *Veronika* representam três caminhos de um mesmo mito: o retorno do feminino ao seu lugar sagrado. Todas caminham entre mundos — entre o visível e o invisível, a vida e a morte, o humano e o divino — e, nesse movimento, revelam a plenitude do ser. O reencontro com o sagrado, que atravessa essas narrativas, mostra que o feminino, quando reconhecido em sua profundidade, torna-se uma via de cura, transformação e reconexão com a própria alma.

O retorno do sagrado feminino na literatura de Paulo Coelho, portanto, aparece como um gesto de resistência simbólica. É a manifestação das antigas deusas sob novos nomes — *Brida*, *Athena*, *Veronika* — que recordam à humanidade que luz e sombra pertencem ao mesmo corpo, e que o mistério é uma dimensão essencial da existência. Ao aproximar mito e palavra, psicologia e poesia, espiritualidade e literatura, Coelho reafirma um dos papéis mais antigos da narrativa: restaurar o elo entre o humano e o divino. Sua obra mostra que, no silêncio entre as páginas, a verdadeira magia ainda é a palavra — e que é por meio dela que a alma encontra caminhos para se recompor.

6. REFERÊNCIAS

BOLEN, Jean Shinoda. *As deusas e a mulher*. São Paulo: Paulus, 1990.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 1995.

CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Lisboa: Relógio D'Água, 1975.

COELHO, Paulo. *Brida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

COELHO, Paulo. *A bruxa de Portobello*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

COELHO, Paulo. *Veronika decide morrer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1957.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FOUCAULT, Michel. História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

GRAVES, Robert. A deusa branca. Lisboa: Dom Quixote, 1948.

JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 1971.

JUNG, Carl Gustav. Símbolos da transformação. Petrópolis: Vozes, 1954.

KOLTUV, Barbara Black. O Livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal. São Paulo: Cultrix, 1990.

MARKALE, Jean. A mulher celta. Lisboa: Europa-América, 1983.

NEUMANN, Erich. A grande mãe: um estudo sobre os arquétipos femininos. São Paulo: Cultrix, 1955.

STARHAWK. A dança cósmica das feiticeiras. São Paulo: Gaia, 1999.

WOODFIELD, Stephanie. Deusas obscuras: revelar o poder secreto de Lilith, Morrigan e Hécate. São Paulo: Isis, 2020.